

# Cristina Nobre

**Carlos Lopes Pires (2021) *se houver domingo à tarde***

**OU a infinitude de um *poeta de província***

AO DISCORNER sobre o último livro do autor-poeta, Carlos Lopes Pires, *se houver domingo à tarde* (2021), quando a pessoa (ele mesmo, em carne, osso e espírito) fez a apresentação na igreja de São Francisco, em Leiria, em setembro deste ano – *Deus na ausência de Deus: em defesa de um poeta sem literatura* – e distinguiu claramente “a Obra, o autor e a pessoa que transporta a ambos”, parecerá estultícia a crítica imiscuir-se após essa reflexão ensaística, qual tríade completa e suficiente por si mesma...

Porém, há muito acompanhamento a Obra deste autointitulado *poeta de província*, à procura da revelação (Verdade) no seu quintal, assumida ela o rótulo que lhe quiser(em) dar (ignorância?). Sou daqueles que apreciam arte e literatura: e nada do que a pessoa disse ou o poeta publicou me soou a falso. A estranheza do seu dizer e da sua escrita poética (*poiesis*) é a inscrição de um caminho para o infinito, que tenho sinalizado como *desfamiliarização*. Se alguém o identifica como anticanónico, sempre foi esse o fulgor da inovação-revelação... E uma vez que as coisas mais simples são audíveis nesta poesia-dizer, julgo que o crítico opinativo se deve recolher ao papel de leitor atento e esperar que o arco temporal distenda (centrífuga ou implosiva mente) e permita encontrar “as rosas impossíveis”.

Reconheço a mão do arquiteto perfeccionista na estrutura de mais este livro (dedicado a António Nunes, sem revelar o enigma da intimidade que todas as dedicatórias singelas ofuscam), sustentada pela beleza (a que o leitor já se afeiçoou) dos desenhos de Fulvio Capurso. São seis partes, emolduradas com uma pergunta sobre a temática religiosa/espiritual da sua *poiesis*: a resposta será dada por/em cada uma das partes (ou na reflexão ensaística referida...).

A 1.<sup>a</sup>, *se um dia houver domingo à tarde*, abre com um poema que

pode ser dedicado ao leitor ou ao próprio poeta (*escolhi-te*, p. 9 – quem escreve o quê e quem é escolhido para dizer o quê a quem?) e serve de abertura aos 29 poemas, onde o tema da falta e da busca, da repetição e dos encontros na natureza, com os insetos e os amigos desemboca na questão fulcral: *mas se os meus poemas / fossem de literatura // não teriam uma estrada / à procura de dias...* (p. 38).

A 2.<sup>a</sup>, *o homem é um animal cansado*, constituída por 59 poemas, funciona como a trave-mestra do edifício. Os sinais da procura podem ser as rosas, os pássaros, uma canção, os amigos, os mortos, os vivos, ou o próprio poema: *por todo o lado / somos // a imitação / da vida* (p. 89). Na 3.<sup>a</sup>, *os outros dias*, com 14 poemas, o poeta confronta-se sobre as muitas ausências-dores dele e dos outros, e a única resposta parece ser a do desmoronar das certezas pré-concebidas: *nos meus poemas / não há palavras // nenhuma gramática / os sustenta // e nenhuma vírgula / os segura ou define // parecem-se talvez mais / com as rosas // as rosas impossíveis* (p. 119).

Na 4.<sup>a</sup>, *o meu quintal tem dez mil lugares* – a única além da primeira com poema epígrafe que faz o leitor confundir-se sobre a identidade do sujeito de escrita – constituída por 27 poemas, o poeta anda à procura da essência da sua poética (*a poesia é / uma outra coisa* p. 128; quando lhe disseram que os seus poemas não são literatura ... *ele respirou de alívio* p. 142) e definição do artesão (*definição de poeta / observador de gatos* p. 132; *o poeta é um trocador de rosas* p. 133), obtendo apenas respostas na incapacidade de tradução pelos humanos do dizer dos bichos (*ninguém sabe / o que dizem os gatos / quando morrem* p. 144) e dos insetos (*as formigas / fazem do silêncio / um refúgio* p. 148), até à aceitação final (*nunca verás a Deus /... / e na hora da tua morte / aceitarás* p. 146). Na 5.<sup>a</sup>, *novas cartas aos amigos*, com 19 poemas, a ligação com os outros, sejam eles humanos, animais ou árvores, a bondade parece ser o âmago da criação (*sim /*

*gosto das pessoas / que não percebem de palavras / e cuidam em silêncio // dos seus mortos* p. 165).

Na 6.<sup>a</sup> e última parte, *orações*, com 31 poemas, o leitor pode encontrar os traços do caminho para o infinito deste *poeta provinciano* (*ao aceitar a ignorância aceitei-a em todo o seu esplendor. eu, que sou filho da ignorância, aceito as rosas impossíveis* p. 175; *não consigo ver a água / mas sei que não caminho só* p. 181; *desapareci no teu nome* p. 186; *não me dê o certo // inunda-me antes / de estranheza* p. 189; *sou o caminho que vai / ao desencontro // de onde nunca estás* p. 193; *ao escrever este poema / vi-te lá dentro* p. 197; *que eu seja / um estranho para mim // mas nunca outro / eu seja para ti* p. 205).

A poesia de Carlos Lopes Pires é uma estranha revelação de infinitude. Acredito que essa é a essência da literatura que sobrevive ao aqui e agora de qualquer província. Vanguardista, antes de ser clássica? Inquieta, capaz de duvidar sobre si mesma, interrogando-se até à exaustão, sem medo de se dizer na aparente simplicidade de um corpo infinito de palavras e revelações. *Desfamiliarização*: não precisa de outro nome...